

N. 21

1\$00 Esc.

Memário de grandes reportagens



Lêr neste número:

«O crime do
Circo Price»



ESPECTACULOS

Teatros

Nacional—21,50—Como se faz um homem
Trindade—20,50 e 22,50—Bola de Neve
Ginásio—21,45 «Deus lhe pague»
Variedades—20,45 e 2,4—Arroz Doce
Coliseu—Não há espectáculo
Apolo—20,45 e 25—Zé dos Pacatos
Maria Vitória—20,45 e 22,45—Milho Rei
Avenida—20,45 e 22,45 Pupilas do Senhor
Reitor

Cinemas

São Luiz—15 e 21 e 30.
Tivoli—15 e 21 e 30.

Condes—15 e 21 e 15,
Central—15 e 50 e 21 e 50.
Olimpia—Das 15 e 30 às 0.
Capitólio—21.
Chiado Terrasse—15, e 21 e 15.
Odeon—15 e 30 e 21 e 30.
Lys—Das 14 e 30 às 19 e 21 e 15.
Paris—20 e 45.
Salão Portugal—15 e 21.
Palatino—21.
Palácio—21 e 15.
Europa—21.
Royal—15 e 21 e 15.
Eden-Cinema—(Rua do Alentejo)—21.

Promotora—(L. rgo 20 de Abril, ao Cal-
vário)—21.
Imperial—(Rua Francisco Sanches).
Salão da «Voz do Operário»—21.
Cine Oriente—(Penha de França).
Salão Ideal—(Loreto).
Cine Rossio—21.
Musical Cinema Parque—(Par. Mayer).
Pavilhão Português—(Par. Mayer)—21.
Max-Cine—(Rua Barão de Sabrosa).
Jardim-Cinema—As segundas, quartas,
quintas e domingos, cinema e concér-
to—14 e 45 e 20 e 45
Bélgica Cinema—(Rua da Beneficência,
ao Régio)—21.
Espianada Vitória—(Rua Alves Torção).
Cine Salão Braço de Pata—A's quartas
e domingos.

**Rapidez
perfeição
economia**



SO NA



**Imprensa BELEZA
R. da Rosa, 99 a 107
Telefone 2 1622 — LISBOA**

TODOS A PREFEREM!

bunal da nossa consciência... Podia argumentar estas afirmativas com milhares de ilustrações reais — palpitantes ainda na memória de todos. Mas esse telegrama de Samardães tem a eloquência suficiente para me explicar... Um Romeu infeliz, vendo a Julieta dengoza com outro — criou uma opinião alheia — (nada mais fácil do que crear uma opinião alheia; basta alguém abordar outro alguém e dizer: «Não sabes? Fulano fez... Cicrano esteve... Beltrano é...») — e duas horas depois todos afirmam que Beltrano é..., que Cicrano esteve..., que Fulano fez...). Essa opinião era ela que burlava a boa fé do futuro esposo — visto que, sem ser mãe, não estava como a Mãe de Jesus, depois de o ser. Creio mesmo que o namorado não acreditava na calúnia — mas sim na lealdade da moça! Mas entre o seu amor e a sua consciência, entre a sua felicidade... — e a opinião alheia — o que valia, o que pesava — era a... opinião alheia! Matou-a, nessa hipótese, carregando o coração com o irremediável de perder a mulher que amava, a alma com o remorso dum crime, o futuro, com a perda da felicidade! Mas os outros mandavam! Ele obedeceu...

*

Não é a primeira vez que eu conto a síntese do romance de Eduardo Zamalois — La Opinión Ajena... V... era um vaidoso, um escravo dos outros. Pelas suas basófilas, fanfarradas, quixotices estava entronizado na sua aldeia... Um dia resolve ir pandaguear até Paris! Naquele povo — um homem que ousasse ir até Madrid já se dilatava a proporções dum Colombo — pela audácia; a um Cortez — pela aventura! Mas Paris! Paris!

V... foi aos boulevards, passou os dias timidamente, bocejando, nos terraços dos cafés; cometeu a audácia de uma ou duas proezas de amor — daquelas que só é audácia resistir-lhes, e quando regressou á aldeia, e se viu rodeado de cem amigos, ávidos de lhe escutarem as façanhas de «espanholito valiente en Francia» — improvisou, entre outras patranhas — a seguinte: uma noite infiltrara-se num labirintico bairro de facinoras folhetinescos, assistira á cena dum gigolette ser espancada pelo maque-
rao, salvára-a, socando o apache e pondo-o em fuga — e quando, depois dela lhe suplicar protecção, apaixonada, ren-

dida, lagrimosa, a 45 graus de ternura, a levára para o seu hotel, viu-se rodeado de malandrins...; batalha dura, em que êle, como um Cirano, que em vez de espada usasse pistola, fazia frente ao ataque; mas, antes da policia o libertar uma bala lhe atravessara o fígado; tombando-o...; trez semanas de hospital...

«Mas a bala... a bala... conclui êle com um ar de heroi resignado — não foi estraiada... Eu não quiz ser operado!

Decorreram vinte anos. O abuso de mazanilla dera-lhe uma hipertrofia de fígado. Caiu á cama! Veio o médico da aldeia. Logo ao primeiro exame afirmou: «Isso é por causa da bala! Vamos operar-te — e ficas bom!» Ora como V. sabia que não existia balá alguma — rogou-se — fingindo-se birrente Piorou! Chamaram outro médico duma cidade vizinha. Antes que o clínico o pal-passe — contou-lhe a história de Paris; e o clínico repetiu: «Isso é a bala! Opere-se e Você fica, como novo!» Ele não quiz! Pudera! E continuou a piorar! Vem um médico de Madrid, um especialista que, ao chegar á beira do seu leito já estava sugestionado pela opinião alheia... Que era a bala! Que era preciso — urgente — uma intervenção cirurgica! V... entre o dilema de confessar a patranha de há vinte anos, de desmoro-nar aquele castelo de heroísmo que lhe dera fama e glória — e o risco da operação — não hesitou! Deixou-se operar — e morreu, porque, como não havia bala, a operação era não só desnecessária como perigosa!

E quantas vidas — são assim sacrificadas, em Portugal — por causa da opinião ajena?

REPORTER X

Para os outros saberem

As razões do atraso da saída do «X»

NINGUEM lamenta mais os atrasos e irregularidades de saída do nosso semanário do que nós — entre outras razões porque sabemos que os seus leitores o aguardam sempre com impaciência e, legitimamente, não gostam que lhe demorem esse prazer a que estão habituados e que já não o dispensam. Mais os aflige ainda a cap-

tação de boatos que certos cavalheiros — alguns officiaes do nosso officio... — que, aproveitando a oportunidade pelos cabelos, fazem rabiar e que, por despeito do nosso constante e crescente triunfo (— *malgré tout!* —) procuram, ao mínimo precalço invisível, insinuar que suspendemos a nossa publicação.

Se nos é muito lisongeiro a atitude de leitores, agentes etc., anciando-nos todas as semanas, num dia certo — dever nosso era castigar essas más linguas, de ponta-e-mola e explicar francamente, IRRESPONDIVELMENTE — a verdade — porque a verdade longe de rogar sequer pelas insinuações dos maldizentes significa a inversa das suas tartufianas hipóteses.

Vários imprevisitos, daqueles alça-pões que Satan abre sob os nossos pés, provocaram estas irregularidades — MAS TODOS FORA DO ALCANCE DA NOSSA VONTADE E TÃO DISTANTES DE TEREM POR CAUSA QUALQUER BAIXA DE EXITO — COMO NÓS ESTAMOS DA LUA!

O «X» sofre, logicamente, nestes mezes de inicio as dificuldades da sua precipitada e veloz improvisação. Se acrescentarmos a êste argumento o facto — que estamos prontos a provar a quem quizer folhear os nossos documentos — que o seu desenvolvimento tem sido aos pulos, atingindo, em certas semanas uma tal surpresa desconcertante; que, sem nos deitarmos a dormir, temos procurado, de número para número, introduzir várias melhorias — preparando numerosas — e sensacionais — para breve; que a empresa Beleza tem transformado as suas officinas, adquirindo maquinaria nova, admiráveis linotypes que tiveram de ser instaladas — e facilmente se compreendem estes atrasos e estas irregularidades.

Confiados no nosso esforço — podemos assegurar aos nossos leitores e agentes que o «X» não só entra agora em plena normalidade — como vos reserva emocionantes surpresas.

Quanto aos tais pessimistas — que fiquem, de uma vez para sempre, sabendo: — Êste atraso na saída do «X» foi devido aos motivos que expomos, e desafiamos a virem consultar as provas de que a sua venda, iniciada em cifras brilhantes, não deixou de subir, uma única semana!

Quereis
dinheiro?
JOGAI NO

Lama

R. do Amparo, 51
LISBOA

Sempre sortes grandes

O Raio da Morte

A nova guerra.—A dor, a destruição e a miséria.—Estradas aéreas.—A descoberta do homem bom que...—«Raio da Morte» ou «Raio Invisível».—Os astros que mudam de local.—Fábricas sem operários...

Com a hipótese de uma nova guerra, começaram os grandes jornais informativos por intermédio das imensas agências telegráficas de imprensa, a alartear o mundo com maquiélicas descobertas de destruição—que mudariam, por sua natureza, todo o aspecto do sistema complicado da arte guerreira.

Os gases asfixiantes de 1916 e os «tanks», que tanto pânico e temor levantaram, nos aliados, seria coisa sem importância ao pé dos famosos raios Z e de um novo sistema Krupp de bombardeamento.

Gases lacrimogêneos e aperfeiçoados torpedos—continua dizendo a grande imprensa—numa guerra futura, seriam comparados aos ingénuos pósinhos de espirrar e garrafas de mau cheiro.

Existem inventos desconcertantes—alquimias doidas de sábios geniais—que não de permanecer na sombra dos laboratórios até que a humanidade entre em desavenças.

Os incrédulos dizem que todos estes alardes não passam de meras fantasias de contos ingénuos para entreter crianças ou para obrigá-las a dormir—o que neste caso quer dizer: para nos atemorizar.

Seja como fôr. O que não há dúvida, porém, é que muito, desde a última conflagração europeia—o mundo tem progredido em matéria científica—progredido a passos agigantados, desconcertantes e fantasmagóricos.

Não é só a T. S. F.—já aperfeiçoada ao máximo—a televisão—uma realidade inofensiva—e as teorias de Einstein.

São mil e uma descobertas espantosas—maravilhas de um Júlio Verne, mais genial e positivo, de um Júlio Verne que não sonha: realiza.

A cirurgia avançou de maneira tão extraordinária, que já não consideramos impossível ouvir dizer amanhã que um morto, depois de uma operação «singela», voltou á vida, de novo, ou que um homem que tivesse perdido as pernas num desastre de caminho de ferro, por meio de uma «banalíssima» enxertia, fosse para 1936 o candidato com mais possibilidades á corrida da Maratona.

Seguindo este raciocínio porque não há de haver—envoltos no menor segredo, tão conveniente, neste caso,—descobertas enormes e fantásticas,

que destruiriam por completo os ranceiros métodos de guerrear?

O chamado Raio da Morte é um sintoma do muito que deve haver oculto; e se chegou ao nosso conhecimento—e dizendo ao nosso, quero dizer ao do mundo inteiro—com todas as suas minúcias e maravilhas científicas é porque o seu inventor, sábio e chefe de família, que neste caso representa algo, pois o amor da família sempre se reflete no amor para com o próximo—não pôs toda a sua inteligência extraordinária ao serviço da guerra, mas ao serviço do Bem da Humanidade.

Parece paradoxo mas é certo. Os homens—na sua esmagadora maioria—deturpam, moldam a seu belo talante as inventivas mais belas, mais altruistas e humanitárias. Mas vamos ao Raio da Morte:

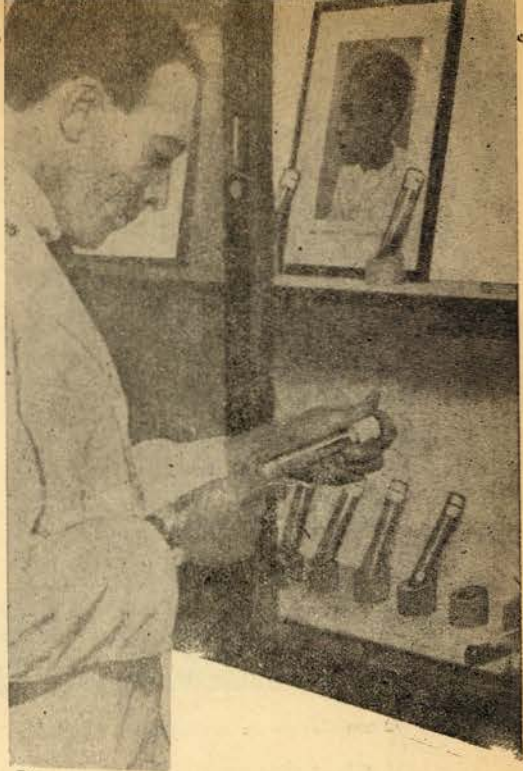
Onde aparece o «raio da morte»

O Raio da Morte, quando o seu inventor há pouco mais de dez meses o apresentou ao mundo científico e culto, despertou as mais vivas e acaloradas discussões.

Foi o sábio checoslovaco Nikola Tesla, homem em questão. Imediatamente, enquanto os jornalistas do mundo inteiro devassavam a sua vida íntima e as traziam para as colunas dos seus diários, os colegas do sábio procuravam, em comum, deturpar o verdadei-



O professor Nikola Tesla, inventor do «raio da morte», e os seus filhos



Dr. Saling, que, também descobriu um «raio» destruidor

ro sentido e finalidade para que o sábio inventor tinha idealizado o Raio da Morte.

Tentemos explicar de forma compreensível e assimilável as ideias do dr. Tesla.

É sabido, com a descoberta da telefonia sem fios e da televisão, é possível emitir de um ponto para o outro, sem a preocupação da distancia, ondas de diversos nomes, que transportam na sua essência, no caso da T. S. F., sons de todas as espécies—préviamente emitidos—e no caso da televisão, imagens de qualquer feito e configuração.

E porque não há-de essas ondas transportar cargas eléctricas?

Foi o que o dr. Tesla pensou.

Que maravilha não seria uma fábrica da Europa—das industrias mais complexas—movida por meio de ondas emitidas da América, ou vice-versa?

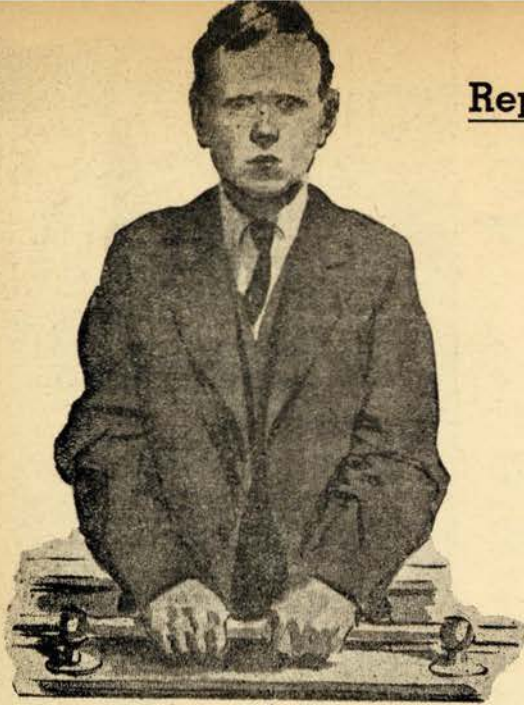
As ruas de Londres inteiramente iluminadas de Tokio ou Tokio iluminada de Londres? Que espantoso, económico e simples não seria? Idealizou então o Raio da Morte.

Para a realização prática da sua descoberta pensava o dr. Tesla na instalação de centrais, em diversas partes do mundo, capazes de fornecer energia todos os países.

Em nossa casa, para acender as luses do «pifonier» ou as 50 velas do nosso candeiro de mesa, bastaria um simples aparelho—semelhante ao da T. S. F.—e uma volta ao condensador—com a vantagem de escolher a electricidade

(Continua na pág. 15)

As Criadas gatunas



O receptor era um antigo empregado bancário

○ grande martírio dos nossos agentes policiais é... a criada de servir.

Todos os dias as queixas apresentadas, sobre serviços desonestos, atinge numerosos espantosos e desconcertantes. São frequentíssimos os roubos desta espécie.

Poucos — dos que podem ter o luxo duma criada — se orgulham de não terem sido roubados.

A's vezes o roubo é pequeno e o lesado acha que não vale a pena queixar-se; e doutras a gatunice é grande, mas o «patrão» é rico e como lhe não faz falta o que foi subtraído, poupa-se à «maçada» de ir ao Tórel e ao «escandalo» do seu nome nos jornais... por um roubo tão insignificante.

Devem, portanto, os agentes policiais considerarem-se felizes ainda; pois que se estes dois aspectos não contassem as queixas centuplicavam-se — estamos certos — atingindo numerosos doidos.

Mas, uma pergunta nos ocorre: — E os outros roubos, aqueles que nunca ninguém descobre? Ou aquêles que...?

Processos de trabalhar

São dois os aspectos a encarar sobre criadas — gatunas. As profissionais do roubo — aquelas que vivem e trabalham exclusivamente para o furto e as «outras» — aquelas que num momento de vaidade ou de impudor se tentam e se fazem gatunas. Destas ultimas fazem parte a maioria das queixas — a grande parte das participações que o Tórel recebe.

Com a outras o caso é mais sério e complicado. Os métodos que empregam

Como vivem e como trabalham. — Organização e truques que utilizam. — O roubo dos brilhantes ou a «Criada modelo» — «Chantage» sem nome. — O «cérebro superior» que planeja os furtos. — Quem é o Chefe — onde vive, quem é e como trabalha — Revelações surpreendentes ocultas até hoje — O martírio dos agentes policiais. — Os numerosos fantásticos das queixas sobre criadas-gatunas

são «cintíficamente» estudados, decorados e postos em prática.

Algumas trabalham por conta própria mas, outras há, que realizam os seus roubos em comunidade e sobre a orientação dum «cérebro superior» que as orienta e lhe facilita todos os meios de trabalho.

E' preocupação de toda a dona de casa, antes de admitir uma serviçal, saber informações de outras casas onde já anteriormente ela tivesse prestado serviços. E' ingenuo e primitivo este meio. A criada-gatuna faz sempre parceria



Uma vez sósinha em casa ..

com outra que trabalha com toda a seriedade em casas de gente «média». Quando a gatuna necessita «empregar-se» avisa a colega e esta sobre qualquer pretexto sai da casa. E' claro que as informações, que a primeira dá cor-

respondem as da segunda, mas a «patrão» não pode prever essas coisas e... quando dá pelo furto — se é que dá — nada consegue provar contra a bôa-fé da abonadora.

A's vezes as «sócias» alternam-se. Enquanto uma anda em férias — isto quer dizer: trabalhar com honestidade — a outra trabalha — ou antes: rouba.

Uma... como há poucas

Pessoa conhecidíssima no meio industrial e comercial — com importante estabelecimento de camisaria, na Rua do Ouro — precisando um dia duma criada de fora, poz na secção respectiva do «Diário de Noticias» o costumado anuncio, que nestes casos se costuma redigir.

Entre várias pretendentes apareceu-lhe uma mocetona sádia — vendendo saude — que se dizia recém-chegada da provincia; mas com longa prática do serviço por ter estado, até ali, a servir numa casa solarenga, duma vila do Douro. Foi esta a preferida.

A esposa do citado comerciante — senhora moderna — possuía algumas joias de importante valor — joias antigas de família e algumas dos melhores ourives parisienses.

A criada de fora não iludiu a espectativa.

Era trabalhadora, solícita e, sobretudo, muito recatada. Estas qualidades em breve a tornaram muito querida e durante dois anos, desempenhou o absoluto contento todos os serviços que lhe eram distribuidos. Até que um dia... um telegrama veio anunciar-lhe a morte da mãe. A patrão comoveu-se e contristou-se, pelo imprevisto acontecimento, que assim a obrigava a separar-se duma servidora «como até ali não tinha tido». Nem sequer lhe ficava a esperança que ela podesse regressar em breve. Com a morte do pai — dizia a criada-modelo — ficava-lhe uma mãe velhinha para cuidar e sustentar.

Os anos depressa correram e da recordação da antiga criada apenas ficaram umas velhas reminiscencias e uma distante recordação.

Há pouco mais de um mez, os azares da vida fizeram com que o citado co-

(Continua na pág. 14)

O misterioso rapto do jornalista Jacob

A historia secular e os segredos modernos da "Gestapo" alemã

Encontra-se na prisão de Moabit há já alguns dias o jornalista alemão Jacob, preso pelos agentes hitlerianos na Suíça, donde o raptaram e levaram para a prisão berlinesa de Moabit.

O rapto do jornalista foi levado a efeito pela organização secreta «Gestapo».

Vejam, em rápidos traços, o que é essa famosa e terrível organização política:

No seu último orçamento o III Reich concedeu 240 milhões de marcos para o serviço de espionagem e contra espionagem e á «Gestapo» uma quantia tripla. Mas, afinal o que é a «Gestapo»?

Segundo o que lemos algures, a história desse famoso organismo resume-se no seguinte:

Desde o século XIV que uma sociedade secreta, a *Santa Vehme*, espalhou o terror por toda a Alemanha cometendo toda a casta de assassinios políticos. O número dos seus crimes conta-se por alguns milhares, tendo, porém, desaparecido no começo deste século.

Em 1919, o capitão Ehrardt creou a sua temível brigada de fusileiros de marinha, chamada a *Reichswehr negra* que, até 1929, cometeu mais de quinhentos assassinios, entre os quais os de Rathenau e de Erzeberger. Os mais ferozes dos seus componentes foram os tenentes Schltz e Heines, este último alma danada do duvidoso Roehm, ao lado de quem morreu, na sangrenta jornada de 30 de Junho de 1934; Schultz, famoso espadachim ás ordens de Goering, seguiu a sorte de seus chefes. Quando Hitler se tornou o dono e senhor da Alemanha, Goering suprimiu a brigada Ehrardt e agrupou todas as forças policiais nazis, dedicadas ou não, nos quadros da *Geheime Staats Polizei*, ou Polícia Secreta do Estado, por abreviatura *Gestapo*. O seu comando foi confiado a Heinrich Himmler, alcunhado de *Negro (Schwarze)*. A organização das células cinzentas no estrangeiro foi confiada ao tenente Schlz. Este cumpriu bem a sua missão. Criminoso endurecido, habil no manejo do revolver, do punhal ou do *kidnapping*, foi o cérebro que concebeu todas as audaciosas operações da *Gestapo*. Assassinou em Marienbad o professor Lessing; na Suíça, Rotter; na Austria, Bell; e, sabe-se de fonte segura que foi êle, também, que organizou o rapto do jornalista Berthold Jakob, em Basileia. Recruta os seus agentes entre os covardes e os

Os crimes dessa seita tenebrosa. — Como foi creada no século XVI e como funciona hoje. — A sua acção, dentro e fora da Alemanha. — Os raptos. — A «Guepau» russa e a «Gestapo» — rivais — Subterrâneos que muita gente ignora — Revelações sensacionais

traidores: antigos comunistas ou socialistas e judeus emigrados. Tal foi o caso de Hans Wesemann.

As atribuições desta organização são ilimitadas: vigia as conversações telefônicas e interrompe-as se isso lhe con-



M. Thomas Raymond, o commissario principal da policia secreta suissa, que deu o alarme do rapto de Jacob



A' esquerda o correspondente do «Daily Telegraph», em Berlim, o primeiro raptado pela «Gestapo»; á direita, Jacob

vem; proíbe a circulação dos jornais; prende ou limita a liberdade pessoal de qualquer individuo e confisca os bens sem autorização especial para isso; viola a correspondencia, abrindo as cartas procedentes ou destinadas ao estrangeiro, se as pessoas que as expedem ou recebem se lhes tornam suspeitas.

As suas atribuições estendem-se a todas as medidas tendentes a combater os elementos desafetos ao Estado. Posse ligado a si, um outro instrumento não menos poderoso: é a *Z. B. V.*, tropa escolhida do comando do tenente Wecke. Compõe-se esta tropa de 560 homens e 220 oficiais; alem disso, dispõe também de tropa motorizada com um total de 150 homens, famosos pela rapidez com que executa as manobras, e, sempre pronta ao primeiro chamamento.

Foi, pois obra da *Gestapo*, o 30 de junho de colaboração com a *S. S.*, tendo esta ultima executado os fusilamentos; depois desta data houve uma luta surda, quando a *Reichswehr* pediu contas do assassinio de von Schleicher. Uma das vitimas dessa luta foi o comandante da *S. S.*, da ocasião, Heydrich. Sobre êle recaíram todas as culpas dos fusilamentos, motivo por que pediu a demissão desse cargo, o que não contentou a *Reichswehr* e no fim de dezembro o general von Blomberg recebeu as provas de que Goering e Himmler tinham sido culpados desses acontecimentos. Himmler sabedor disso, enviou uma secção de *S. S.* ao ministerio da *Reichswehr*, na noite de 20 de dezembro com o fim de roubar a secretaria. Travou-se um violento combate entre as forças da *S. S.* e as da *Reichwehr* do qual resultaram dezoito mortos da *S. S.*

Eis, em resumo o que é uma das mais terríveis organizações terroristas destes ultimos tempos, que ultrapassa as fronteiras da propria Alemanha, indo perpetrar os seus crimes em países onde a civilização impera.

A ninguém respeita a *Gestapo*. Nem a propria Confederação Helvética.

OLIVEIRA ABRANTES

«A MÔSCA DE OURO»

«A MÔSCA DE PRATA»

(Continuação do numero anterior)

Estava tranqüila, ouvindo rádio, mas depois...



O tempo deixou de ter para mim medida! Daí a minha ignorância dos minutos que rodaram enquanto permaneci, naquele sunambulismo, naquele *traumatismo moral* — caído, incensível, olhando — sem ver — dardado pelos olhares dos *detectives*... O «outro-eu», o «falso-eu», exagerara a sua calma encostando-se á janela, cruzando a perna, afundando as mãos nos bolsos do *robe-de-chambre*... O pseudo funcionário consular — especara-se á minha frente, numa atitude cínica de vitória — ou de desafio.

Pouco a pouco fui voltando a mim — despertando-me, reanimando-me, ganhando a consciência e a visão nítidas das realidades.

Até ali, a aventura fôra como que uma fantasia, um pouco pesada, ás vezes, arriscada, mesmo nalguns momentos, emocionante, mas sem que me desse a sensação de uma ameaça grave, dum perigo memorável. Essa sensação, dominou-me, ao voltar a mim... Não! Para aventura — ou fantasia alongara-se demasiado — atingira uma situação cujo remate era invisível — ou pior; cujo único remate era doloroso: o de passar pelo delinquente que se apossara da minha personalidade, e sofrer, por êle, o castigo das suas proezas facinorosas!

Até ali brincara aos naufragos — num lago em que a água mal atingia o pescoço; agora — o lago rasgara-se para o oceano — e era preciso nadar e alcançar uma jangada salvadora...



Juntou-se gente á sua volta...

Fitei Dyson. O detective me fitava também... Compreendo que, de todos, era êle o único que resistia a convencer-se á minha culpabilidade; que se silenciara apenas pela eloquência das circunstancias, mas que aguardava a minha própria reacção para volver á sua primitiva atitude — desde que essa reacção lhe desse oportunidade e motivo para me crer.

Não sei que revelações o meu rosto exibiu, ao reanimar-me moralmente, que o elegante e falso funcionário consular pestanejou, agitou-se, como quem, de súbito, se sente contrafeito — e disse aos polícias:

«— Julgo que a minha missão terminou — e o consulado aguarda-me! Se a minha presença não fôr mais necessária...

Essa resolução era, evidentemente, precipitada, imprudente — e tanto assim que o «outro-eu» abandonou, rápido, a atitude serena e indiferente que adoptara — para melhor histronisar o seu papel — e se precipitou também:

«— Excelência... E' preferível esperar um pouco! Pode ser que estes senhores desejem ainda algo e...

«— Não! interrompeu o detective da bigodeira. — Isto está claro como água! E dirigindo-se a mim:

«— Tem paciência, Ivan! Desta vez as tuas probabilidades fracassaram. Tem que ser — mais cedo ou mais tarde! Creio que não vais cometer o ridículo de negar que tu... és tu, depois do que se passou...

«— Tanto mais que — uma atitude de silêncio, apoz as declarações deste cavalheiro, valeu uma confissão! — agregou outro polícia.

Ergui-me; — Perdão! Se de facto eu fôsse... Ivan — ante a trapaça realizada, ante aquele «outro-eu» (que é o autentico Ivan, estou certo!) êste falso funcionário consular teria feito ou dito algo — algo que teria estudado pelo caminho, visto que, a não ser eu, a ser Ivan e sabendo que ia ser defrontado com verdadeiros portugueses — estaria prevenido!

O dandy consular, afogou-se como que assustado pela minha metamorfose e numa violência exagerada, protestou:

«— Eu não posso consentir, na minha posição, que um réles aventureiro me insulte...

«— Eu não insulto: defendo-me!

«— Obriguem-no a calar-se!

A inquietação do bandido contagiou-se ao cúmplice. O «outro-eu» tambem se enervava e pretendia colaborar com o cúmplice, forçando-me ao silêncio:

«— Não há direito de eu ser incomodado desta forma! — declarou.



Viu-se cerca de dois policemen



O detective de bigodes de cossaque, decididamente, antipatisava comi a pôr remate á cena; mas Dyson terveio e ordenou:

«— Fale! E' preciso mesmo que fale! Se é êle Ivan... quanto mais falar me compromete.

Proseguiu:

«— Como tudo o que se passou á minha frente não passou dum embuste para ludibriar; como aquele meu sozia, usado da sua flagrante semelhança fito comigo se introduziu no meu quarto êste (indiquei o falso empregado corlar) conseguiu não sei porquê evitar, que o verdadeiro consul viesse, sobretudo, como os senhores não

nhecem o idioma portuguez — fácil foi suggestionar-vos... A surpresa da cilada que me foi preparada, precisamente por eu não ser Ivan abateu-me, venceu-me, como uma fatalidade. Mas já tomei posse de mim próprio — e agora vou lutar porque não estou disposto a passar pelo que... não sou!

«— Admiro a vossa paciência em estar escutando este cavalheiro! — insinuou o «outro-eu», tentando ocultar o

jeito é apenas para vos... entreter — se-rei o primeiro a dispensá-lo...

Respirei, mais tranqüilo, tinha, da parte do sargente-detective de Wine Street, uma simpatia — senão uma protecção.

Um dos outros polícias, evidentemente em desacordo com Dyson, indagou de sobreólho franzido:

«— Mas... o que é que êle nos vai fonografar? Eu não me fio em cantigas...

«— Não são cantigas; é a minha defeza!

«— Vamos a ela — e depressa!

«— Morto por isso estou eu! Se aquelle senhor é... o jornalista portuguez que alugou êste quarto — e eu o intruzo, o falso, o tal Ivan — vou propor uma experiência pela qual se esclarecerá, de forma evidente, as nossas respectivas identidades...

Um silêncio — em que todos se entreolhavam... A intranquilidade dos dois socios só passaria despercebida a um cego. Quási que se desmascaravam...

«— Bem! — declarou Dyson. — E que experiência é essa?

«— Muito simples... Entre o *toilette* e a *escrevaninha* está uma maleta que me acompanha em todas as viagens — e onde armazeno os meus livros predilectos ou aqueles que vou comprando e me merecem ser conservados.

«— E quê?

«— Sei-os de cor! Deixei lá ontem vinte e dois! Vou escrever todos os seus títulos em papel, fechando essa papel num envelope que entrego a um dos senhores... Por sua vez — aquelle... «outro-eu» fará o mesmo. A seguir abre-se a mala e confrontam-se os volumes lá guardados ás duas listas: á minha... e á dele!

Dyson, esguelhou um olhar para os colegas — e sorriu-se num vago ar de triunfo — como se dissesse: «— Eu não me enganei! Este é o portuguez!»

O falso funcionário consular — empalideceu, cambaleou e esforçando-se, depois, por aparentar calma — pretextou sede — e bebeu um copo de água... O cínico que me intrigou — foi — o «outro-eu»! Soltando uma gargalhada e retirando, dos bolsos do «robe-de-chambre» um cachimbo — declarou:



O falso funcionário fez o possível para me calar

«— Não está mal engendrada, a habilidade! Vamos a ela!
Espantou-me a sua calma e a sua ironia!

(Continua)

REPORTER X



Mr. Dyson simpatizava comigo...

O Fantasma da Europa

Um tesouro fabuloso enterrado pelos corsários franceses.—O segredo de certas ilhas espalhadas pelo Oceano.—Revelações de Otto Gärtner, comandante do «Kaiser» D. Z., o Submarino alemão que bombardeou a Madeira, em 1917.—Era um português que fornecia alimentos aos alemães durante a última guerra?

submarino «Kaiser D. Z.»—precisamente o mesmo que em 1917 cobrira a ilha de metralha, fazendo-me presente de uma granada de 18, que me feriu e reduziu a destroços a minha residência.

Como ironia, o destino irmanava-nos, na mesma mesa, diante de uma caneca de cerveja — eu, a vítima e êle o «despachante» daquela granada, que eu senti entrar-me pela janela dentro, na manhã triste de 12 de Dezembro.

Mas... «la guerre est la guerre» e o tempo fizera-me quasi esquecer o dis-sabôr e Otto mal se lembrava da façanha.

Otto Gärtner, era um alemão forte, de olhos metálicos, e com um «traço» fundo na face esquerda — um «traço» que lhe descia da enorme cabeça quadrada — uma cabeça de alemão, daquelas que sugerem a idéia de terem sido feitas em série, como os automóveis Ford...

Falamos sobre a guerra e sobre a Madeira — que êle conhecia tão bem como se fôsse um nativo.

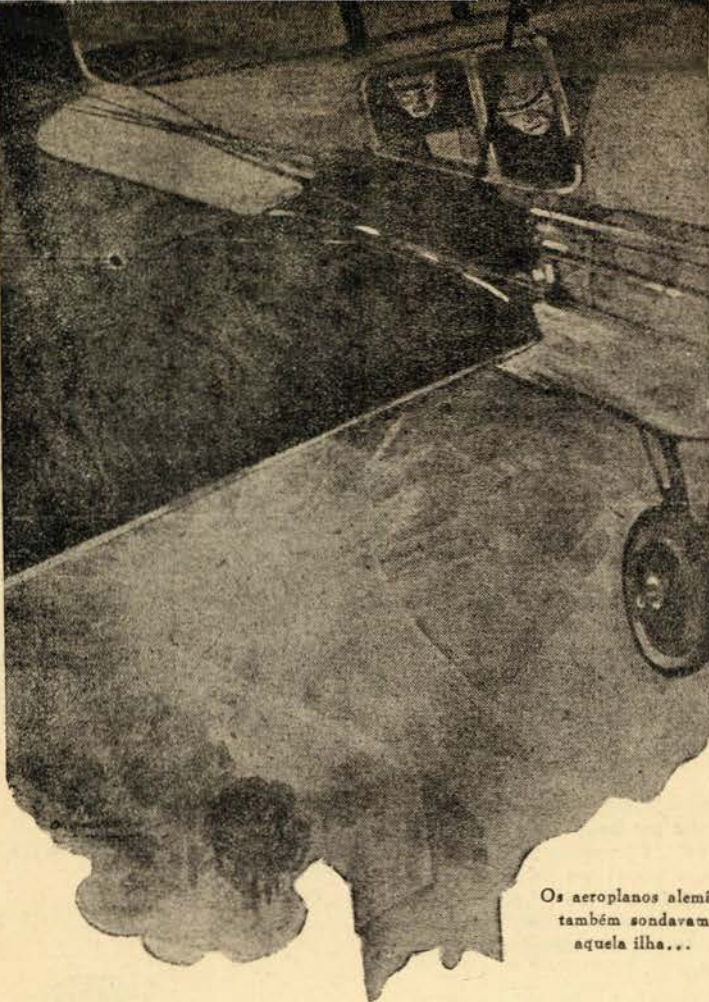
As águas do Atlântico eram-lhe familiares. Disse-me com precisão quais as fortificações e os pontos estratégicos, que existia mna Madeira durante o tempo da guerra, e confessou-me, num ar de generosidade, que não quisera arrazar com seus canhões, a ilha Verde, por ser um crime de leza Natureza!...

Escutei-o com um portuguesissimo sorriso de ironia e um tudo nada de orgulho...—Agradeço-lhe a generosidade, Hen Gärtner e vejo que foi muito mais generoso que aqueles outros corsários, que invadiram há muitos anos a minha terra, aos gritos de saque e de massacre. Nesse tempo, longinquo, os piratas massacravam os habitantes e saqueavam a cidade.

Herr Gärtner foi mais generoso: — limitou-se a massacrar.

Agradeço-lhe a generosidade!...

(Continua na pág. 15)



Os aeroplanos alemães também sondavam aquela ilha...

O mundo mantém-se a espreitar o «ecran», da politica internacional sem ao certo saber que filme se irá desbo-linar...

Uma nova guerra? Novos crimes de espionagem — uma espionagem que se não sabe ao certo como será, mas que já se pressente? O que serão as novas máquinas de morte? O que serão os mil inventos secretos das grandes potencias? Mas afinal há a paz ou a guerra?

FORAM todas estas interrogações que nos sugeriram a idéia reportagem retroactiva sobre alguns segredos inéditos e mistérios indecifráveis da guerra de 1914 — agora que toda a Europa se extorce ante a possibilidade de uma nova guerra — no momento em que os povos de todas as potências assistem a uma estranha «mise-ence» bélica.

A Europa, em epilepsia, arma-se, como que possuída de uma loucura singular, segundo os gritos de alarme que a T. S. F. lança aos cinco cantos do mundo, num S. O. S. aflitivo.

No ar andam suspensos, rumores de Stresa, Genebra e Roma — e na berlinda sentaram-es Mussolini, Laval e John Simon.

Mas, por cima dêles, — *Deutschland über alles* — paira de asas abertas, a velha águi germânica a farejar cadáveres, que em 1870 se chamou *Bismark*,

Guilherme II em 1914, e Hitler na duvidosa hora presente.

A Europa vive em expectativa, e uma pergunta sai de todas as bocas: a paz ou a guerra?

E a interrogação mantém-se de pé — hirta como uma sentinela de baioneta armada!...

O que representam na guerra os ilhas desabitadas

Os livros «á sensation» estiveram em moda — moda, segundo creio, lançada por Remarque, em «Nada de novo na frente ocidental» e logo seguida por mil e um escriba, conforme bem observa Reinaldo Ferreira, na última crônica do «X», sobre a «Aldeia dos Macacos».

Mas o que ainda nenhum «autor bélico» revelou nos seus livros — pelo menos dos que eu conheço — foi o papel desempenhado pelas ilhas desabitadas, durante a última guerra.

O acaso fez com que há quator ou cinco anos, me fôsse revelado o segredo de certas ilhas espalhadas no meio do Oceano.

Foi no «hall» do Casino Vitória, na Madeira, que me apresentaram, em certa noite, Herr Otto Gärtner, capitão reformado da marinha de guerra germanica que, durante a guerra comandara o

Um sangrento enigma do velho circo Price, de Lisboa

que causou sensação, há cinquenta anos — e cuja chave se descobriu há poucos dias, estando vivo ainda o principal herói

ada individuo que se cruza conosco na rua, alegre ou sombático, jovem ou caduco, apoteótico de vida e de força — ou ruína a desmoronar-se — oculta sempre um romance... — afirmou algures um plagiador de Edgar Poe, tentando emitir o «Homem das Multidões»...

De facto — vasculhando bem as vidas alheias, do berço ao tumulo, vamos encontrar sempre, mais ou menos superficial ou recondito — um episodio singular, um acto de tragedia ou de força, um capitulo de folhetim ou uma jornada de film. Uns — e nem sempre são esses os mais curiosos e originaes — tem o seu romance holofoteado pela publicidade, celebrizam-se, discutem-se, eternizam-se na tradição ou na lenda — são... publicados em edições berrantes. Outros — e esses, talvez a maioria, os que souberam enconder o caso que herificaarm — passam despercebidos e pessoa alguma, ao vê-los passar, suspeita que a sua existencia serviu de tablado, de *écran*, ou de volume — a um drama, a um film, a um romance...

Pode ser que entre os leitores, surja quem, alertado por esta afirmativa um pouco dogmatica — esmiuce o passado, folheie a memoria, faça desfilar, ano por ano, dia por dia, episodio por episodio vivido — e tão monocordicos, eguaes, banais, os veja no cortejo das reminiscencias — que conclua:

— «Oh! Mais um *alarde* espectacular do «X»... Quem me biografasse passaria a mão sobre a taboa lisa da minha vida sem perigo de espetar uma falha nos dedos... Qual tragedia — a não ser aquelas que vou ver ao cinema ou ao teatro? Qual episodio à *frisson* que não sejam aqueles que o jornal me conta — em telegramas do Mexico ou de Tokio — sempre distantes, interpretados por elencos que tanto podiam pertencer a este planeta como ao Marte ou ao Jupiter — tal o indifferentismo emocional em que me deixam!»

Felizes — ou desditosos — os leitores — e não leitores — que podem gabarolar — se dessalitura monotonamente do passado! Mas que não alardeiem muito essa ventura ou desdita!... O Diabo espreita! Mais tarde ou mais cedo — a tragedia ou farça, o romance ou film — é disparado por um dos alçapões insus-

Os romances reais e ignorados.
— O sr. Quelhas, uma ruína elegante — O admirável Gualdino Gomes. — Um atrevimento...
— Uma velha e illustre amiga que se recorda da tragédia.
O que diz um jornal da época.
Ligando fios... — Na pista do «Menino Doirado». — Confinências nostálgicas de D. Juan Tenório, reformado

peitados que quadriculam todo o terreno que pisamos...

Quem podia profetisar que o sr. A... Quelhas, aquele ancião discreto, que atravessa ainda a cidade num heroico dandismo, os colarinhos alvissimos, altos e estranguladores como um garrote, cumprimentador — mas silencioso, infalível na *Brazileira* do Chiado, ás 13, ás 18 e á meia noite — fosse heroe duma tragedia?

Eu só lhe falara uma vez — há anos. — Estava, guloso do espirito do admiravel Gualdino Gomes, abancado á sua mesa. O velhissimo Quelhas passou, sentou-se perto, trocou umas frases amaveis com Gualdino e, não me recordo como, intervim na palestra — e êle comentou algo que eu dissera, aprovando o meu criterio. Desde então, sauda-me sempre, com um movimento de cabeça e com um dos seus excepcionais e vagos sorrisos — sorriso que parece vir das palmeiras que êle desce por completo... Ontem, dum golpe de audacia, que me recordou os «inconscientes arrosos» da minha juventude jornalística — abordei-o:

— «Desculpe-me se sou indiscreto, sr. Quelhas... Mas... disseram-me que o senhor... o senhor conheceu, há muitos anos, uma artista de circo — Mrs. Washington que morreu no Price...

A chavena do café, que estava levantada, tremeu, transbordou, e dois vincos, dir-se-hiam dois traços a carvão, marcaram, aos cantos dos labios, uma sacudida nervosa... Fixou-me nos olhos, como quem recebe um insulto.

— «Quem lhe contou?»

Improvisei, uma história... Pouco a pouco a sua expressão carrancuda foi-se suavizando — talvez pelo balsamo de recordações amaveis e lisongeiras. Con-

tudo, em fundo, o ar de tristeza, de mago — mantem-se ou até piorou... Não me responde logo. Quis primeiro apurar-se, retomar a sua serenidade digna, ritmica, fidalga... Dois golos de café... Depois...

— «Sim... conheci-a... Foi há tantos anos! Tantos... Ainda havia o Circo Prince — calcule... Ainda você não so-nhava vir a este mundo! Eu lhe digo... Tinha vinte anos! O Gualdino deve recordar-se dela! Recordar-se — sim — porque me fala ás vezes duma noite... Ah! Pobre Edith! Nunca a esqueci! Nunca o meu espirito se acalmou — depois da sua morte... Fiz, em Janeiro, setenta e dois! Já lá vão, portanto, cinquenta... e picos!

Fala-se da tragédia do circo Price

Intervalo! Já volto ao sr. Quelhas! Primeiro — devo explicar como chegou até mim a historia tragica de Mrs. Washington. Vamos para os corredores, palestra um pouco... A experiencia obriga-me, no relato destes *affaires* a juntar, ao processo, testemunhas irrefragaveis — porque surgem, ás vezes,

(Continua na pág. 13)



O empresário ex. Richard de Madrid — filho daquelle que, há 50 anos, trouxe Mrs. Washington ao Circo Prince de Lisboa

A AMEAÇA DA GUERRA MUNDIAL

Como em vários
países se prepara
o espírito bélico,
nas crianças



Os jovens «Skuts» alemães que contam com 500.000 socios em todo o país — O mais velho — com 16 anos e o mais novo doze.

AMBAS O QUERIAM



MAS SÓ UMA POUDE TRIUNFAR

Ele escolheu a mulher cuja pele era branca, suave e aveludada — o género de pele que todos os homens amam e admiram. Tóda a mulher pode actualmente embranquecer, suavisar e embelezar, fácilmente a sua pele, fazendo simplesmente uso todos os dias, do Creme Tokalon, alimento para a pele, còr branca (não gordoso). Este crême contém actualmente crême fresco e azeite predigeridos combinados com ingredientes que embranquecem e tonificam. Penetra instantaneamente, acajma a irritação das glandulas da pele, fecha os poros dilatados, dissolve os pontos negros a tal ponto que desaparecem, embranquece e suavisa a pele mais escura e sêca. Mantém fresca e numa ligeira humidade mas isenta de gordura, a epiderme mais ressequida. Convém igualmente a uma pele oleosa. O creme Tokalon, Alimento para a Pele (còr branca) dá em 3 dias à pele uma beleza e frescura novas e indiscritíveis e isto duma maneira impossível de obter de outro modo. Deverá usar-se todas as manhãs. Se a sua pele está cheia de rugas e envilhçada V. Ex.^a deve também empregar o Creme Tokalon, Alimento para a pele (còr de rosa) à noite, antes de se deitar. Alimenta e rejuvenesce a sua pele durante o sono. Procurar os Cremes Tokalon nas perfumarias e boas casas do ramo. Não encontrando, dirija-se à Agência Tokalon em Lisboa, Rua d'Assunção, 88, que atende na volta do correio.

Brevemente

A
VIDA
AVENTUROSA
DE
H. C. (FILHO)

Folhetim original
e inédito
do

Repórter X

Estuque - Pintura lisa e decorativa

TELEFONE 4175

Alfredo de Souza Guedes

MESTRE DE OBRAS

R. Soares dos Reis, 553

V. N. DE GAIA

Um sangrento enigma do velho circo Price, de Lisboa

(Continuação da pág. 11)

uns conselheiros que aparentando lisonjarem a minha fantasia — desnacionalizam da realidade e da vida, certos dramas singulares que descrevo — attribuindo-os á minha fértil imaginação!

Um domingo qualquer, tive o prazer de jantar á mesa com a Ex.^{ma} Sr.^a D. Luisa Teixeira Bastos, viuva do admiravel pintor que foi Julio Teixeira Bastos e mãe do escultor Ruy Bastos — que tão triste e imerecido destino teve. Esta illustre e velha amiga representa para mim as horas mais felizes da minha vida — porque foi, graças á sua amizade e á do marido que consegui, há vinte anos, a minha modesta victoria de Paris.

Desembocou esta palestra num drama, recentemente desenrolado num circo de Madrid, em que uma boneca-chineza de 18 anos, acrobata prodigiosa, se despeñou da cupula para a pista, morrendo — suicídio ou crime — misterio que ainda está nebuloso e em que apparecem um namorado alemão, com nervos latinos que era amado e que a amava e um trapezio com as cordas preparadas para a catastrophe.

— «Tragédias em circos, reino dos palhaços — são mais frequentes do que se pensa! — declarou um dos comensais.

— «Tenho assistido a varios! — interveiu a Ex.^{ma} Sr.^a D. Luisa Teixeira Bastos. — Olhe: a primeira era eu uma

creança — no Circo Prince. Estava em plena apoteose uma inglesa — Mistress Washington — mulher formosíssima que, ao que parece, trazia em labareda todos os corações dos Tenorios da época. Era casada e trabalhava com o marido. O seu numero constava de varios fakirismos — autenticos prodigios, em pontaria, com tiros de carabina. Na ultima proeza ela especava-se num extremo da pista, como é natural, fixou-se para sempre no meu espirito, como um pesadelo — eu era uma creança ainda! — estalou o tiro e a emoção em que todos trepidavamos, tornou-se um espasmo ao vermos a bela artista redupiar e, soltando um grito, estira-se ao comprido na pista, de braços em cruz, e logo a cabeça aureolada de sangue... Houve berreiro, guinchos estéricos, desmaios correrias... Estava morta...

— «Catástrofe... — conclui.

— «Falou-se muito nessa época—dese drama... Foi um «caso dia»... — Um «caso em moda»... Discutiam-no em toda a parte! Eu era muito nova — uma criança — mas comprehendia o que se dizia... Pelo visto, um D. Juan do Chiado — um «dandy» de vinte anos, já frequentador dos bastidores dos circos e dos teatros, derretera o invólucro de gelo da «Venus-Saxonica»... O marido soube-o — e escolheu uma vingança... artistica! Não fôra — asseguravam — a pontaria que lhe falhara, pela primeira vez, naquela noite! Tinha sido, pelo contrario, uma pontaria certa — como todas que êle visava. Atingira a testa da leviana esposa — como podia ter atingido, mais uma vez, a maçã...

— «Isso foi... há quantos anos? — indaguei...

— «Posso precisar-lhe a data... Recordo-me, por uma série de coincidencias, da familia amiga que nos acompanhou ao circo. Essa familia partiu para o Brazil duas semanas depois! Tive há pouco documentos na mão sobre essa viagem — que foi em 1886... Finais de 1886...».

Quem era o «Menino Dourado»

Pedi a um auxiliar que fôsse á Biblioteca folhear as gazetas de... «finais de 1886»... Esta busca deu-me, á certa, a noite da tragedia: domingo, 8 de Novembro.

Todos os que faziam reportagem do caso limitavam a considerá-lo uma actualidade — com excepção de um semanario — «O Serodio (?)» que de algum «Palma Cavalão» da época (e talvez contemporaneo ao personagem do Eça) que fazia insinuações a admitir, em «camouflage», a hipotese de crime, defendendo (sempre na esquivada de afirmações concretas) os maridos que desafrentam a sua honra e metendo á baila um «menino dourado» que... «Frun-frun — viera de Angola com a fortuna paterna e que julgava que o mundo era seu...» (textual o plebeismo do estilo).

Pouco depois, cumprimentando, como de costume, o sr. Quelhas — um amigo que se encontrara comigo a uma montra do Chiado — perguntou-me:

— «Tambem conhece o «Menino Dourado»? E explicou-me: — «Quem sabia bem a historia do Quelhas era meu tio avô — que foi companheiro do pai, em umas andanças por Angola. O pai morreu-lhe era ele um moço ainda, herdou-lhe um bom baú de libras — e veio pandegar para Portugal. Dizem que se fôsse possivel, agora, fazer um harem com todas as mulheres que seduziu — era preciso uma ilha para as acomodar! Foi um tenorio terrivel — ali onde o vês, caduco, uma ruina — embora sempre elegante! Fez estragos como um ciclone! O «Menino Dourado»?»

As confidências do Sr. Quelhas

...E o sr. Quelhas, já em plena calma, com uma vaga expressão de orgulho — contestou-me:

— «E' verdade! Pobre Mrs. Washington do «Circo Price!» Quando ela chegou, foi um delirio! Que linda mulher! Uma mulher como já hoje não se encontram Andou tudo perdido, um «carroussel» á sua volta! Mas quê! O marido era um Otelo — e um Otelo para poucas graças! Ainda outro dia estive em Madrid, com Richard, filho do empresario que os trouxe a Portugal... Ele era um garoto quando se deu a tragedia — mas recorda-se de o pai falar risso! O Arnoso, o Lobato, o Colaço — todos foram chamuscados pelos encantos de Washington... Porque fui o mais feliz? Por ser o mais novo e audaz? Talvez! Sei que...»

Após um silencio, prosseguiu:

— «Por um lado, sabe bem — rejuvenesce recordar estas aventuras! Entre tantas que tive depois — nenhuma se compara a essa — que foi talvez a primeira... com aparato! Mas o que me amarga essa recordação — é... o desenlace! Aquella morte! Que eu não creio que o marido a matasse! Mas foi tal-

(Continua na pág. 15)



As criadas gatunas

(Continuação da pág. 6)

mercante fosse forçado a trespassar o seu estabelecimento e a recorrer aos seus haveres pessoais. Sua esposa, num gesto de renúncia e sacrifício, colocou as suas joias à disposição do marido — joias que como já dissemos representavam uma regular fortuna.

Procurou-se um ourives competente, para que ele procedesse a uma criteriosa avaliação e a surpresa foi enorme quando este declarou que todas as pedras — brilhantes de primeira água, topasias, diamantes, minas-novas, etc... — eram reles imitações sem o mais pequeno valor intrínseco.

Calcule-se, daqui por diante, a série interminável de hipóteses e conjecturas, as cancelas, as arrelias e desilusões para os dois esposos. De dedução em dedução, de referencia em referencia vieram todas as suspeitas cair na «celebrada» criada provinciana. Fazem-se investigações, mas nada se descobriu. Da criada nem o mais pequeno rasto ou a mais pequena pista. Tudo quanto havia dito fora uma mentira pegada — uma mentira que só por si garantia a hipótese de ter sido ela a gatuna.

— De que artes se teria ela servido para substituir as pedras verdadeiras por falsas?

Chantage e...

Uma senhora da nossa melhor sociedade — casada, com um filho médico e bonita — teve um dia a infeliz ideia de arranjar um amante — facto banal na nossa época trepidante.

Disse a infeliz ideia porque a sua criada em breve descobriu aquêles amores ilícitos e lhe começou preparando a rêde envolvente duma «chantage» ignóbil e deshumana.

Duas cartas sobtraídas foram o suficiente.

Daí por diante começou a «pobre senhora» a pagar em dinheiro a sua culpa — dinheiro que lhe era exigido sob pena de seu marido e seu filho tudo saberem.

Durou este martírio seis meses aproximadamente até que não pode pagar mais. A criada, resolvida a fazer render a grande mina, faz conhecer, ao filho da sua vítima, as cartas que tinha em seu poder. Este — rapaz de carácter leal e rectilíneo — procurou a mãe e disse-lhe que tudo sabia.

Foram tais as lágrimas e o arrepen-

dimento que o filho, apesar do enorme choque moral recebido, prometeu auxiliá-la naquela emergência de forma que ninguém mais soubesse daqueles ex-amores — já nessa altura findados, com o mesmo final de folhetim em que o homem depois de saciado abandona o motivo do divertimento de outrora.

E assim, por meios obscuros e desconhecidos, o filho devia ter cumprido o que prometeu, pois que da criada — vigarista, nunca mais se ouviu falar.

Alguem afirma que...

Para quê dar crédito ao que se afirma?

Depois para castigar um crime desta espécie... a que meios não recorreria um filho?

Organização... social

Dissemos no principio deste artigo que algumas criadas-gatunas vivem organizadas e comandadas por um «cérebro-superior» que as orienta e comanda. E de quem é esse cérebro?

— Há um rapaz relativamente novo que a policia tomou conta um dia por «adiantamento» no cofre da Delegação da Caixa Geral dos Depósitos numa vila algarvia — onde ele desempenhava um lugar de empregado superior.

Foi preso e condenado.

Hoje é um homem livre e ninguém lhe aponta o mais pequeno deslize na sua vida actual, a não ser...

Mormura um amigo intimo, dedicado a estes assuntos enredados, que ele... faz frequentes viagens, lá fora, com um completo arsenal de joias e objectos varios.

Tem para os lados de Benfica num prédio luxuoso um andar, que é seu, lindamente mobilado. No entanto alguém — o mesmo informador informa — para os lados de Campolide tem uma outra casa, com o rotulo de escritorio, onde recebe diariamente mulheres de diferentes idades e de diversos tipos. São as criadas gatunas, afirma-se.

Será? Não será? E' ele o cerebro, o commandador, a varinha mágica que move todo este complicado negócio de roubos?

Ou será ele sómente o receptor dos furtos?

— Um mistério insondavel que não sei, nem posso desvendar.

SILVA BASTOS

O Raio da Morte

(Continuação da página 5)

onde quiséssemos e nos apeteceesse. Comodidade e economia... como se vê.

No entanto — como nós íamos dizendo — os meios cientistas do mundo pensaram imediatamente em aproveitar o lado mau dessa genial descoberta.

E nessa ordem de pensamento começou-se idealizando no que seria uma cidade invadida por êsses raios invisíveis. Casas em chamas, gente fulminada em plena rua, sem se saber porque forma — exercitos desbaratados em segundos, aeroplanos que se despedaçariam no solo, depois de um incendio pavoroso e outras tantas perspectivas horripilantes.

O Raio da Morte é invisível e não tem defesa possível. Não haverá uma arma que se lhe oponha, um dique que lhe entrave o avanço meteórico e mondonho.

O dr. Tesla, na sua casa de campo, lamenta e assiste horripilado a todas estas conjecturas e «aperfeiçoamentos» (?) na sua discutida invenção.

Garantiu a um repórter da «Press», que se tivesse pensado nos horrores que para a humanidade adviriam da sua descoberta jamais se teria dedicado a ela, jamais se teria estiolado durante nove anos — tais foram os que levou no silêncio do seu laboratório.

Acrescentou — a esse repórter — que o «Raio Invisível» (nome com que o baptizou) abre perspectivas largas e horizontes desmedidos á astronomia. Dora avante é simples alvejar qualquer astro com descargas electricas e observar depois os efeitos produzidos. Se encontrarmos um astro inteiramente mineral — o que não deve ser difficil — o Raio da Morte tirá-lo-á do seu lugar para o colocar a uma distancia menor da superficie da Terra. Depois, alvejando-o com energia, é fácil obter uma incandescência igual á do Sol o que equivale a não existir a noite.

O «Raio Invisível» mudará os astros para onde o homem os quiser e o dispêndio será tão insignificante que parecerá irrisório. O «Raio Invisível» ou da «Morte» — continua o dr. Tesla — constituirá um enorme perigo para a futura aviação. No entanto, como os raios serão lançados em linha recta não deve ser difficil conseguir organizar um sistema combinado de «caminhos e zonas perigosas»; caminhos para os aeroplanos e zonas perigosas para o Raio da Morte.

Depois de tudo isto — de mais esta maravilha da ciência e da intelligência humana — nós ficamos a pensar no que será o mundo daqui a cinquenta anos.

E a resposta, infosismável, só poderá ser definida por um enorme ponto de interrogação.

SILVA BASTOS

COLOSSAL

O melhor aparelho de T. S. F. em preço e qualidade

PARA TODAS AS ONDAS

Soc. Com. Luso-Americana, Ltd. - Rua da Prata, 145 - Telef. 2 5281 Lisboa
RUA SÁ DA BANDEIRA, 339 - Telef. 1248 - PORTO



O Fantasma da Eupora

Um armazém de viveres no meio do mar

Para suavisar a má impressão, que o meu desabridamento causara no alemão, contei-lhe a lenda que paira sobre as «ilhas desertas» — ilhas que se distanciam pouco da Madeira, e se podem ver nitidamente à vista desarmada em qualquer dia de sol.

Conta-se que os corsários haviam enterrado na «Deserta Grande» todos os tesouros saqueados na Madeira, para irem piratear as ilhas dos Açores. Mas um temporal destroçara-lhes o navio e os seus restos boiaram durante muitos dias, nas águas da cidade saqueada.

Muitos aventureiros têm feito explorações no solo daquela ilha desabitada, para descobrirem o fabuloso tesouro que, segundo se diz, aquela ilha guarda avaramente.

Depois de contar a lenda fitei o alemão, para descobrir a impressão que a lenda lhe causara. Mas Ott Gärtner, limitou-se a sorrir e fitando-me com os seus olhos metálicos, como aço, seguiu-me: — O meu amigo engana-se. O verdadeiro tesouro daquela ilha está descoberto há muitos anos, pelos alemães! Fomos nós — nós e mais ninguém quem descobriu o filão — durante a guerra.

Olhei-o, de olhos muito abertos, e êle, friamente, como se quisesse soterrar-me sob a sua revelação, continuou: «Naquela ilha fãam os submarinos alemães abastecer-se de tudo quanto precisavam — frutas, legumes, água, ovos, aves — tudo — tudo quanto lhes era preciso, para que pudéssemos fazer a guerra sem nos distanciarmos muito daquela preciosa linha de navegação!

Os aeroplanos boches várias vezes rondaram aquela ilha.

Senti um suor frio a percorrer-me o corpo e, êle — como se quisesse prolongar o tormento, que a sua revelação havia produzido em mim, continuou: — E abe? Era um português que nos enviava os mantimentos todos — que os escanoteava ao consumo da população da ilha, para nos alimentar a nós — os inimigos — os «boches»! Eu sei que a ilha tinha fome. Mas... «Deutschland über alles»!, meu amigo — a Alemanha pagava bem... Interroguei-o, desnorteado,

com as fontes latejantes: — «E como pagavam os fornecimentos?»

Hen Gärtner, explicou: Muito facilmente: — a Espanha era um país neutro e as ilhas Canárias ficavam perto.

Só havia um agente — um espanhol — encarregado de receber o dinheiro e enviá-lo ao nosso fornecedor da Madeira.

Posso dizer-lhe que era o português que nos alimentava: era... Um homem alto, branqueado, e que eu conhecia como raro modelo de virtudes passou rente a nós. E Herr Gärtner, apontava-me, monossilabando: — Afí o tem! Foi êste, o homem que nos alimentou durante a guerra.

Olhei o homem, que desapareceu ao longo da sala, distribuindo sorrisos e cumprimentos — muito correcto na sua csaca ngra em cuja «botonina», se destacava a roseta vermelha da Ordem de Cristo!

Sim! Otto Gärtner tinha razão. Foram os alemães que haviam encontrado o tesouro daquela ilha deserta — tesouro mais valioso em tempo de guerra que todo o oiro de um Cressus.

Uma profecia que ..

O comandante Otto Gärtner, depois de me haver feito a sua estranha revelação, ficou-se a falar do valor guerreiro da sua raça, em complicados inventos de máquinas de guerra, raios que matam a cem mil léguas de distância e depois «blagueia»: — as ilhas desabitadas, durante a última guerra, serviram-nos de celeiro, grandes armazens de fornecimentos para as esquadras alemãs. Não creio que haja uma nova guerra, mas... se houvesse, talvez se lhes descobrisse a utilidade... Talvez só refugiando-se nelas poderiam escapar os que se lembrassem de para lá ir... Uma nova guerra, seria a morte em massa, de toda a humanidade... Há muita máquina de morte...

Ms não! A Europa quere a paz e a Alemanha deseja-a mais do que nenhum outro paiz...

Um criado renovou as canecas de cerveja, e Herr Gärtner, tocando levemente no meu copo brindou: — *Prosit* — pela paz do mundo!

Mas um sorriso de imperceptível ironia, roçou-lhe os lábios ...

GONÇALVES PRETO

Um sangrento enigma do velho circo
Price, de Lisboa

(Continuação da pág. 13)

vez por nervosismo... por suspeitar de algo... Ao certo, nunca apurei a verdade. Sei apenas que na tarde daquele... dia tragico — ele pretextara uma ausencia — e nós tínhamos combinado um encontro. Recordo-me até do menu do almoço que lhe preparara... Meio-dia... uma hora... as três — já estava como louco de impaciencia, de incerteza, recebo um bilhete dela: «Não posso ir! Novidades muito desagradaveis! Um amigo teu, por despeito, falou demais! Não apareças logo, no espectáculo... e menos no camarim. Seria imprudente. Espera noticias minhas!»...

«Já lá vão cincoenta anos — e tenho de cor o seu bilhete. Apesar de tudo fui... — pensando que não entraria nos bastidores... Depois de lá estar — não me contive — fui-me aproximando... visitei o velho Richard — o pai desse que encontrei agora em Madrid... O marido passou por mim... Foi mais afável do que nunca, nas saudações — mas tive a impressão dum acido atravez da sua gentileza!... Súbito, estava eu no escritório do Richard — sente-se barburdia e um moço veio com a noticia da morte da pobre Edith! Não quiz vê-la! Cincoenta anos!

E rematou, dizendo:

«— Todos nós, meu amigo, mais tarde ou mais cedo, somos herois dum romance! Eu fui aos vinte anos! E você — em que idade heroicou o seu?»

REPORTER X

PELA IMPRENSA

«Tic-Tac»

O último número deste grande semanário infantil, completamente remodelado, causou o maior e mais justificado successo entre os seus milhares de leitores.

Insera uma original reportagem feita no Jardim Zoológico, na qual uma foca e um hipopotamo fazem interessantes declarações Publica também «Tic-Tac» recordações inéditas dos tempos em que era miudinha a vedeta cinematográfica Maria Castelar, a «Francisquinha» das «Pupilas do Senhor Reitor», um conto de Armando Ferreira, etc., etc.

Nas suas 16 páginas coloridas «Tic-Tac» consegue o mais absoluto interesse da pequenada portuguesa.

Marcenaria Portuense

DE
ELISIO DOS SANTOS CARDOSO

Fabricante de todo o mobiliário em qualquer estilo, desde o mais simples ao mais luxuoso.

Execução de todos os trabalhos de marcenaria — Decoração de Hotéis e Casinos, e de qualquer outros estabelecimentos, no Porto e provincias.

Pessoal habilitado — Maquinismo movido a electricidade

212, Rua Formosa, 214, Telefone 762 — PORTO-PORTUGAL

Grande Hotel da Batalha

Telefones

P. B. X. 1247

do Estado, 33

Um dos mais bem situados no Porto

Preços módicos

Praça da Batalha — PORTO

Tôdas as grandes cidades têm um café que todos os forasteiros gostam de visitar; e quando os visitam já não se adaptam a outro ambiente : : : : : biente : : : : :



São os cafés onde se reúnem os escritores, os jornalistas, os artistas, todos os intelectuais de quem se fala e discute, toda a gente que marca pelo seu valor e que forma a élite :

PALLADIUM

O Café mais moderno e higiénico de Lisboa
único com luz difusa e renovação constante de ar pelo sistema de aspiração PALLADIUM serve uma pastelaria de esmerado fabrico e original apresentação seu café à chávana é o mais deliciosamente aromático e a sua pureza destaca-se entre todos os cafés

CAFÉ 100 % CAFÉ

AVENIDA DA LIBERDADE, 1 — Telefone 2 8395



Criados de café

—Então, Francisco para onde vais trabalhar este verão?

—Olha, meu Amigo, eu tenho muitas casas em vista, mas ainda não decidi por qual deva optar, visto que nenhuma me satisfaz.

—Estás este ano com muito «má bôca».

—Eu vou explicar-te, e depois verás que não tenho «má bôca», mas sim bom critério.

—Estou com interêsse em te ouvir.

—Eu só servirei uma casa que tenha uma boa esplanada e esta composta com «fauteuils» cómodos e bonitos ou sejam estes de junco-malaca. São os «fauteuils» de junco-malaca os únicos que atraem os clientes.

«Todas as esplanadas que não tiverem cadeiras de junco já se sabe que os «clientes» são... moscas, e a gente não se governa com tais «fregueses».

—Abençoado encontro, pois vou também procurar essa nas mesmas condições.

—Fazes bem, e se algum patrão te perguntar quem vende as ditas cadeiras, indica-lhe a casa que as fabrica e vende: Rua de S. Bento, Grandes Armazens das Ilhas e Sursal, Av. Almirante Reis.

—Fixe; obrigado, Francisco.

FAIRBANKS-MORSE



7 lampadas, ondas de 11 a 560 metros garantido por um ano

BONUS DE 20%.

Telefone 44686

Aven. Alvares Cabral, 41—LISBOA

Companhia Utilidade Doméstica

TALHO N.º 36

HIGIENE

ACEIO

ECONOMIA

Rua do Rosário, 222
PORTO

Necessita um bom corte de fato, sobretudo ou gabardine?

VISITE

ABEL FERREIRA PACHECO

e consulte a sua moderna colecção de lanifícios

Praça da Batalha, 141—1.º

Em frente ao Agulha d'Ouro

Vendas a dinheiro e a prestações

Casa de Pasto DE Manuel Dias dos Santos

A única casa de pasto que convém a forasteiros
 Optima cosinha = MINIMOS PREÇOS = Bons vinhos

2, Rua do Clube Fluvial, 8 (à Rua de S. João — PORTO)